WAY MAGAZINE

Amsterdam

Preview **Inverno 18**

Entrevista

Lição de Perseverança

Reflexão

Sisu, caminho para o bem-estar

Ano OITO • nº15 • INVERNO • 2018

FREEWAY
easywear

FREEWAY
easywear
Go easy

Jânio Machado
Presidente da Freeway

Respeito Sempre

Quando nós produzimos algo, pensamos numa luta constante por excelência. Pensamos em um calçado agradável e que não desaponte no conforto, na qualidade e na durabilidade. E, principalmente, que desperte uma sensação de respeito por quem usa. Nossa proposta ao consumidor é oferecer um produto honesto, antes de tudo. Vivemos em um mundo de consumo, o que pode ser uma ameaça, mas temos que deixar de acreditar que as coisas são descartáveis.

A importância da qualidade está nessa questão, na relação com o consumidor, o que nos leva necessariamente a conhecer melhor as pessoas que estão ligadas à Freeway, incluindo, claro, as pessoas que trabalham aqui. Quando falamos em inovações, modelo de gestão e sustentabilidade, estamos, na verdade, pensando em todos, interna e externamente. Em relação a seu modelo de produção e suas relações com colaboradores e consumidores, enfim, existe uma palavra que é a síntese da filosofia desta empresa: ***respeito.***

Para hablar de innovaciones, modelos de gestión y producción sostenible, tenemos que pensar, todos los días, en los consumidores. Nuestra propuesta es, más que nada, ofrecer un producto honesto. En el patrón de producción de Freeway hay una palabra clave para resumir nuestra filosofía: ***respecto.***

Expediente

Diretor Presidente - *Jânio Machado* | ***Direção Geral -*** *Junia Capobianco* | ***Marketing -*** *Camila Ronca e Théo Capobianco*
~~*AMSTERDAM*~~ ***Fotografia -*** *Felipe Martí, Cauê Zanin e Nacho Lopez Ortiz (Espacio de Color)* | ***Retouch -*** *Vinícius Campos (Ventura. Art)* | ***Beleza -*** *Juliana Adell* | ***Produção de Moda -*** *Eduardo Jayricovich* ***Modelo -*** *Karel Patrick*
~~*LOOKBOOK*~~ ***Fotografia -*** *Felipe Martí* | ***Retouch -*** *Vinícius Campos (Ventura. Art)* | ***Assistente de Fotografia -*** *Juliano Metz / Vitor Fonseca* | ***Beleza -*** *Guilherme Henrique* | ***Produção de Moda -*** *Alessandro Lázaro / Mauricio Mariano*
Modelos - *Murilo Casthelani / Karol Vansconcelos* | ***Colaborador -*** *Rafael Capobianco e Adriana Dias*
Direção de Criação - *Murilo Secco (Respire Design)* | ***Editor Chefe -*** *José Eduardo Carvalho MTB 11.822*

Junia Capobianco
Direção Geral

Paixão por Amsterdam

Os dias se tornam mais frescos, o vento e as manhãs, cada vez mais frias, as folhas das árvores mudam de coloração, caem... e queremos cada vez mais conforto e aconchego. Afinal, a estação mais charmosa do ano chegou.

Pensando nestes dias, e como gosto de ler ao sol do inverno, me vieram à memória livros que fizeram diferença na minha vida. Um deles li muito jovem, foi o Diário de Anne Frank. Apesar de ser indicado para adolescentes – e ela mesma era uma menina quando o escreveu –, resolvi relê-lo. Pronto!!!!

Junto com o livro resgatei minha paixão por Amsterdam, e desejei fotografar uma campanha nesta cidade incrível. Ao ver nossa coleção de outono-inverno 2018, pensei, é a cara de Amsterdam!!

Está democrática, elegante, moderna, sofisticada e despretensiosa ao mesmo tempo.

Deu vontade de viajar...

E o que é melhor, toda a equipe abraçou a ideia e podemos agora curtir este trabalho maravilhoso, comemorar a realização de um sonho de expandir cada vez mais nossas fronteiras.

Vamos explorar Amsterdam.

"Proost o Geluch"!!!! Saúde!!!!!

Los días frescos, las mañanas cada vez más frías, el viento, los colores de los árboles me traen recuerdos de libros que me cambiaron la vida. Uno de ellos he leído muy joven, el Diario de Anne Frank, todo un símbolo de resistencia en tiempos de guerra. Con este libro he recuperado mi pasión por Ámsterdam, de donde la pequeña judía escribió su historia. Allí, hemos sacado las fotos de nuestra colección otoño-invierno. Sofisticada, democrática, elegante y moderna, así es Ámsterdam. Así es nuestra colección…

Sumário

FREEWAY
easywear

08 **Sedução e Personalidade**
Amsterdam é hoje uma conexão mundial em matéria de turismo, beleza e bem-estar, uma cidade que seduz com personalidade

11 **Turismo jovem e cultural**
A capital holandesa tem uma dinâmica turística comandada pelos jovens e a oferta cultural é uma das mais ricas do mundo

Vincent 12

IN 2018 NO 22

18

O templo Anne

Passar por Amsterdam exige uma visita à casa de Anne Frank, símbolo da resistência judia ao nazismo durante a Segunda Guerra

44

WAYNER MACHADO

Wayner Machado, uma lição de perseverança e superação nas três décadas de história da Freeway

48

Look BOOK

60

Hot HITS

62

SISU

A fórmula antistress e antifrustração criada na Finlândia está em moda em todo o norte da Europa

Sedução e personalidade

Há cidades que não se enquadram em um modelo turístico convencional. São lugares onde as atrações parecem muito maiores do que seu tamanho real, embora não existam grandes monumentos, em que a paisagem tem pormenores que os olhos demoram a perceber e onde em cada esquina, ponte ou viela há alguma preciosidade a ser descoberta. Se existe uma capital europeia plena dessas características é Amsterdam. Este símbolo contemporâneo da Europa do Norte não cabe em um daqueles manuais que pregam 'os 30 melhores lugares a se visitar' ou 'como passar 48 horas em Amsterdam gastando quase nada'. Amsterdam não admite padrões, melhor dizendo, é a confluência de todos os padrões e mais algumas seduções que nenhum outro destino possui. Amsterdam é o mundo e, ao mesmo tempo, tem personalidade única.

Si existe una capital europea llena de preciosidades, aunque sus monumentos no sean el principal atractivo, esta es Ámsterdam. La perla holandesa es todo un símbolo contemporáneo del norte del continente, sin padrones y, a la vez, con todos los padrones de un atractivo centro de turismo joven, dinámico, y además con una riquísima oferta cultural. Ámsterdam tiene seducción y personalidad única.

Terra de liberdade e contestação, a cidade, além do mais, ocupa um posto de vanguarda no desenho social dos principais centros europeus. Foi berço de importantes movimentos de transformação da sociedade no continente e mantém um traço que tem conexão direta com sua geografia: a dinâmica de um comércio aberto e inovador, que pautou a formação de várias gerações nos Países Baixos. Tanto quanto suas marcas geográficas, muito do que Amsterdam é hoje tem ligação com o fato de a cidade, embora oficialmente seja a capital holandesa, não ter sido nunca sede do governo ou da monarquia, o que reforça suas convicções de liberdade e independência em relação a um sistema controlador oficial.

Grande parte do dinamismo e originalidade geográfica vem da construção do bairro dos canais, a chamada cidade-porto, há mais de quatro séculos. A partir de sete canais principais formados pelo rio Amstel, foram construídos canais perpendiculares em uma área de 14 quilômetros de leito artificial de rio com 160 hectares, dando forma ao Distrito dos Canais, declarado Patrimônio da Humanidade em 2010 e formado por um total de 80 pontes.

Flamante centro cultural, Ámsterdam es una ciudad que funciona como un museo al aire libre y, a la vez, reúne colecciones artísticas de las más preciosas en el mundo. El corazón de los maestros del arte es Museumplein (Plaza de los Museos), en donde está el Rijks, el Museo Van Gogh y la casa de Rembrandt. La plaza, además, es el punto de reuniones y manifestaciones de todos los tipos, por delante de su tarjeta postal, 'I Amsterdam', las letras rojas y blancas que dominan el escenario. Cientos de miles de personas circulan por allí, caminando o con sus bicicletas, otra marca registrada de la ciudad.

Amsterdam

Turismo jovem,
CULTURA de GENTE GRANDE

Dentre as características mais marcantes de Amsterdam está a fama, plenamente justificada, de ser um reduto de 'turismo jovem'. Uma quarta parte da cidade é formada de água, o que torna o ambiente físico plural e arejado graças aos inúmeros canais e pontes, certamente a primeira impressão de impacto que se nota – bicicletas por todos os lados, as vias aquáticas repletas de barcos de diversos tipos, gente cruzando os espaços em vários sentidos. Por si só, essa imagem dinâmica tem a marca da juventude de seus visitantes, o que se confirma com a atividade noturna, explosiva, pujante, imparável.

Não quer dizer, por essa razão, que a Veneza do Norte fique devendo a outras cidades europeias quanto à oferta cultural e artística. Amsterdam é transgressora, multicolorida e agitada, mas seus museus e propostas de acesso à cultura dão o toque de sofisticação que a torna ainda mais atraente. Além do que, se levarmos ao pé-da-letra, Amsterdam é, na verdade, um museu a céu aberto. Um giro pelo centro histórico é a prova disso. Na Praça Dam, cenário dos encontros públicos mais importantes da cidade, estão o Palácio Real e a Igreja Nova, dominados visualmente pelo imponente Monumento Nacional de Libertação, uma homenagem em mármore, com 22 metros de altura, às vítimas da Segunda Guerra. Também na praça está o cultuado Museu Madame Tussaud e, numa caminhada de 700 metros, chega-se à Casa de Anne Frank, uma atração obrigatória da cidade, como veremos mais adiante.

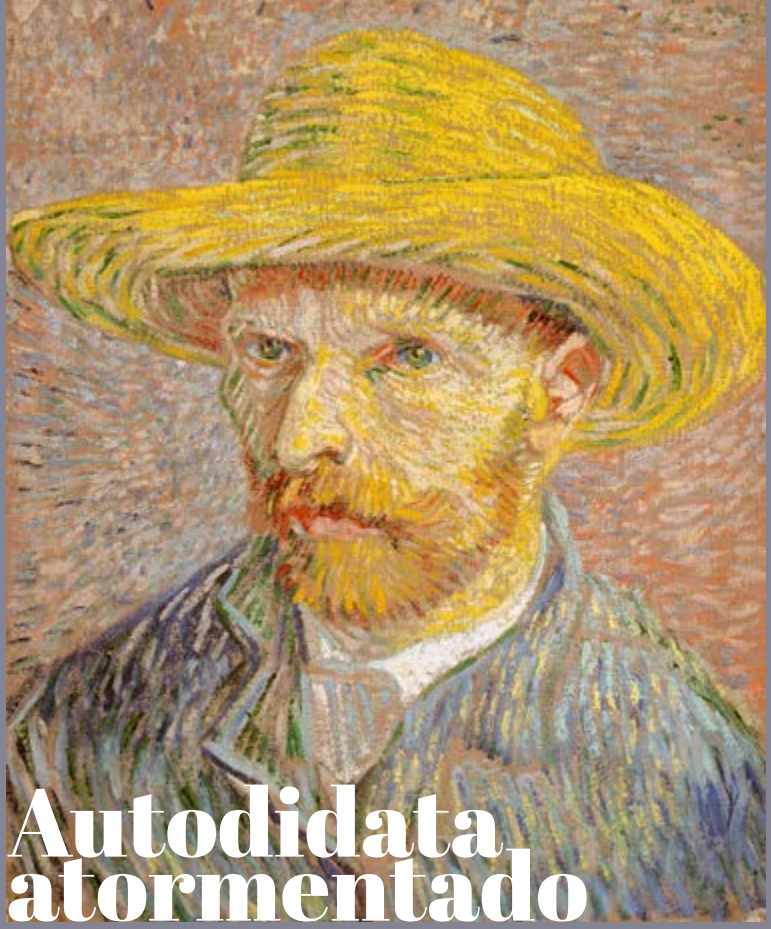
O marco zero dos museus, porém, fica mais ao sul, pouco mais de dois quilômetros da Praça Dam, na Museumplein (Praça dos Museus), um efervescente núcleo de visitação e local de celebrações e festivais, marcado pelo indefectível letreiro que domina a área, 'I amsterdam', em vermelho e branco.

Van GOGH

Reconhecido como gênio apenas depois de sua morte, Vincent Van Gogh, nascido em Zundert, no sul da Holanda, é um daqueles artistas cuja obra é tão marcante quanto sua própria história de vida, e cuja ligação com Amsterdam é visceral. Representante máximo do pós-impressionismo, era um criador atormentado, como grande parte dos artistas geniais, e morreu aos 37 anos, na França (julho de 1890), deixando mais de 2 mil obras, entre pinturas e desenhos, na maioria desconhecidos na época. Grande parte da obra ficou sob os cuidados do irmão do artista, Theo Van Gogh, um dos maiores apoiadores de Vincent inclusive no aspecto financeiro. Theo morreu um ano depois do irmão e o legado artístico passou a ser administrado por sua esposa, Johanna Van Gogh, responsável pelas primeiras exposições do acervo deixado pelo mestre.

Em 1905, o Rijks realizava a primeira mostra da herança de Van Gogh e suas obras perambularam por vários centros de arte até a criação do Museu Van Gogh, em 1973. Obra dos arquitetos Gerrit Rietveld (construção original) e Kisho Kurokawa (ala de exposições, finalizada em 1999), o museu foi concebido com a ideia de receber anualmente cerca de 200 mil visitantes, mas a expectativa ficou muito aquém da realidade. As cerca de 200 pinturas de Van Gogh, além de 400 desenhos, são vistas todos os anos por mais de 1,6 milhão de visitantes e os quadros mais concorridos são Os girassóis e Os Comedores de Batatas. Documentos e esboços também fazem parte do rico acervo. Graças ao trabalho inicial do casal Theo e Johanna Van Gogh, nos espaços coletivos do museu há obras de outros artistas importantes, como Gauguin, Toulouse-Lautrec, Monet e Kees van Dongen.

Fotografia/ Konstantin Tronin/Depositphotos



Autodidata atormentado

Van Gogh foi essencialmente um autodidata, embora tenha estudado clássicos da arte em períodos importantes de sua atividade criativa. Ainda muito jovem participava de pequenas exposições, antes de se transformar em pastor protestante e partir como missionário para uma região mineira do interior da Bélgica. Mesmo em missão nunca deixou de pintar e desenhar. Sua primeira grande obra foi justamente Os Comedores de Batatas, em 1885, quadro concluído em pouco mais de um mês. A trajetória de Van Gogh foi marcada pela convivência entre o processo criativo e suas crises de depressão e esquizofrenia – um processo que explica episódios de extrema instabilidade emocional, como a automutilação de uma orelha, e que o levaria ao suicídio. Durante toda sua vida artística, Van Gogh esteve amparado pelo irmão Theo e conviveu com vários grupos artísticos, com destaque para sua amizade, às vezes conflitiva, com outro gênio, Paul Gauguin.

O crescente fluxo de visitantes ao Museu Van Gogh de Amsterdam conduziu a uma nova obra de ampliação, concluída em 2015, e que 'roubou' um pedaço da praça dos museus para sua consecução. No projeto do arquiteto holandês Hans van Heeswijk, o museu ganhou 800 metros quadrados de superfície, numa obra de 3 anos e 20 milhões de euros. Em 7 de dezembro de 2002, o museu foi cenário de um roubo cinematográfico, quando ladrões entram pelo teto e levaram os quadros "Vista do Mar de Scheveningen", de 1882, e "Congregação Deixando a Igreja Restaurada em Nuenen", de 1884, duas obras marcantes do período criativo mais brilhante do artista. As pinturas foram encontradas, em surpreendente bom estado, apenas 14 anos depois, em 2016, numa operação contra o tráfico internacional que levou a polícia italiana aos porões da Camorra napolitana. Meses depois os quadros voltaram ao museu de Amsterdam.

A farta produção de Van Gogh, os muitos lugares por onde passou e sua morte prematura fizeram com que obras fossem espalhadas em várias regiões entre Paris e os Países Baixos, o que tornou comum a 'descoberta' recente de desenhos e pinturas importantes. Em janeiro deste ano, Axel Rüger, diretor do Museu Van Gogh, apresentou um novo desenho incorporado ao acervo. Trata-se de A Colina de Montmartre com uma Pedreira, de 1886, época em que o artista estudou na Antuérpia. O desenho passou pelas mãos de Theo Van Gogh, mas posteriormente teria sido vendido, junto com outras obras, por sua esposa, Johanna, até que estudiosos rastrearam sua trajetória e o encontraram com um empresário holandês. Em seus últimos tempos, depois de se submeter a vários tratamentos psiquiátricos em sanatórios, Van Gogh buscou refúgio na pequena cidade de Auvers-sur-Oise, ao norte de Paris, onde viveu uma última febre criativa que deu origem a 60 pinturas produzidas em 70 dias. Ali, o gênio se suicidou, em 29 de julho de 1890, aos 37 anos.

Fotografia/ KIREEVART/Depositphotos

Rijks, no rastro do Louvre

Inaugurado em 1800, pouco depois da abertura do Museu do Louvre, em Paris, a riqueza do Rijks começa no seu desenho arquitetônico, um edifício que domina a área cultural mais visitada de Amsterdam, separado por poucos metros do Museu Van Gogh e do Stedelijkmuseum, que comporta um acervo de arte e design contemporâneos. Instalado inicialmente em um palácio perto de Haia, foi transferido em 1808 para Amsterdam por ordem de Luis Napoleão, irmão de Napoleão Bonaparte, mas seu acervo perambulou por vários locais até ser estabelecido, em 1885, no atual edifício, com traços góticos, obra do arquiteto holandês Pierre Cujpers, o mesmo que projetou a Estação Central.

Com mais de um milhão de peças, o Rijks reúne obras de todos os principais artistas holandeses, de Johannes Vermeer a Frans Hals, bem como de inúmeros mestres europeus da época renascentista. Suas maiores atrações, porém, são algumas obras-primas do grande mestre do barroco, Rembrandt, com destaque para A Ronda Noturna, impressionante óleo sobre tela com 3,5 de altura e quase cinco metros de largura, que o artista demorou três anos para pintar. A Ronda se transformaria em referência em seu período histórico e um clássico das artes plásticas. Dentre outras obras importantes de Rembrandt no acervo do Rijks estão A Noiva Judia e A Morte dos Inocentes. As peças compõem a coleção mais famosa do museu, pinturas do chamado 'Ciclo de Ouro' da arte holandesa.

No início dos anos 2000, o Rijks passou por uma profunda reforma em suas instalações, permanecendo em obras até 2013, período no qual apenas uma sala exibiu suas principais obras. A reforma custou ao governo holandês perto de 400 milhões de euros. Dentre os artistas não holandeses com obras expostas no museu, estão o expoente do Romantismo na Espanha Francisco de Goya, o quatrocentista italiano Fra Angelico e outro mestre do barroco, Peter Paul Rubens, de origem belgo-alemã.

Fotografia/Carlos Neto/Depositphotos

Fotografia/pryzmat/Depositphotos

Fotografia/bellena/Depositphotos

Um pouco de Rembrandt

Menos concorrido, mas não menos importante, que o Museu Van Gogh, o espaço reservado a um dos mestres da Idade do Ouro da arte holandesa, Rembrandt van Rijn, fica mais ao norte do núcleo central dos grandes museus. A Casa de Rembrandt, onde o artista viveu entre 1639 e 1658, na rua Jodenbreestraat, próxima ao centro, foi habitada por Rembrandt, sua prima e esposa Saskia van Uylenburgh e o filho Titus nos tempos de fartura econômica para a família. Mestre dos retratos e das paisagens, Rembrandt tornou-se o mais expressivo nome da pintura narrativa, o que o levou a ser referência quanto à profundidade emocional de seus quadros, graças à riqueza de detalhes.

Nos últimos tempos em que habitou o local, porém, Rembrandt teve que vender objetos, desenhos e esboços para saldar as dívidas, contraídas depois de anos de uma vida de luxos e altos investimentos em obras de arte. Praticamente reconstruída em princípios do século 20, a casa foi transformada em um pequeno museu, inaugurado em 1911, contendo objetos pessoais do pintor e sua família, além de uma coleção com 260 gravuras. O local foi ampliado no fim da década de 1990 para receber uma grande coleção de desenhos recolhidos em vários espaços de arte pela Europa. Um dos locais mais fielmente conservados da casa é o estúdio onde Rembrandt criou suas obras naquele período. O grande mestre holandês do barroco morreu em outubro de 1669, aos 63 anos, em Amsterdam.

Fotografia/Dolfilms/Depositphotos

Para cinéfilos

Situado em frente à Estação Central, do outro lado do canal, o Museu de Cinema de Amsterdam, denominado Eye Film Instituut, está abrigado em um edifício modernista do arquiteto austríaco Roman Delugan, com área expositiva de 1200 m², e foi inaugurado em 2012. Seu acervo, porém, vem do primeiro museu do cinema, criado em 1952, em um edifício localizado no Vondelpark, próximo ao museu Van Gogh. São 46 mil filmes, mais de 500 mil fotos, e 41.500 documentos, cartazes e registros históricos sobre o cinema holandês e de vários países europeus, constituindo um retrato precioso da trajetória do cinema, desde os primeiros tempos.

Dentre as muitas atrações expostas aos cinéfilos está a Coleção Desmet, declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco, em 2011. O edifício vanguardista de quatro andares possui uma grande área de exposições, quatro salas de cinema, espaços para atividades educativas e laboratório, além de área de convivência com restaurante e loja. No roteiro turístico de Amsterdam, o museu do cinema representa, além do mais, um ótimo atrativo visual, tanto dentro das instalações quanto do exterior: o acesso ao local é feito por ferry, a partir da estação.

Fotografia/erikdegraaf/Depositphotos

Fotografia/ake1150sb/Depositphotos

Mercado das flores

O gosto dos holandeses por flores e plantas vem de séculos e o Mercado das Flores em Amsterdam, o Bloemenmarkt, reflete esse amor incondicional. Desde 1862, o local flutuante ao sul da região central, no canal Singel, recebe diariamente centenas de embarcações com flores, uma atração com sensações únicas – e perfumes também. Grande estrela da companhia, as tulipas ocupam lugar de destaque, mas há uma grande quantidade de outros tipos de flores e sementes à venda. Os próprios holandeses sugerem que os turistas visitem o local durante a semana, para evitar congestionamentos no canal. Aliás, o trajeto, por si só, é uma das maravilhas da capital.

Fotografia/erikdegraaf/Depositphotos

Fotografia/Ksenija_OK/Depositphotos

Tamancos, símbolo holandês

Moinhos, canais, Van Gogh, tulipas... Os símbolos da vida holandesa não estariam completos sem uma referência aos tamancos. Herança do século 14, os tamancos de madeira, ainda que para os estrangeiros possa parecer doloroso, eram calçados de uso diário, acessório obrigatório para quem trabalhava nas terras pantanosas do país. Ainda hoje, granjeiros e agricultores o utilizam. De cores variadas, normalmente com fundos em amarelo e vermelho, mas com desenhos tradicionais, os tamancos são facilmente encontrados em pequenas lojas espalhadas pela capital, constituindo-se em um souvenir bastante concorrido. Os tamancos, porém, são considerados calçados de extrema segurança para os trabalhadores, por sua capacidade de proteger os pés durante os serviços mais pesados. Ainda hoje, os holandeses compram cerca seis milhões de pares de tamancos ao ano.

Tributo a Anne Frank

Não chega a ser um museu, mas a casa que abrigou a família de Anne Frank, fugida da Alemanha pela perseguição aos judeus, transformou-se num ponto de convergência histórica em Amsterdam, um tributo permanente às vítimas da Segunda Guerra. Anne Frank tinha 13 anos quando começou a escrever seu célebre diário, referindo-se à 'Casa de Trás', refúgio de sua família, na Rua Prinsengracht, número 267, próximo à área central da cidade. O local foi aberto ao público em 1960 e, bem mais tarde, na década 1990, passou pela última grande modernização, necessária em razão do aumento gradual de visitantes e da importância do patrimônio histórico acumulado no local. Por ali, passam mais de 1,2 milhão de turistas e estudiosos por ano, o que faz da Casa de Anne Frank o local histórico indoor mais visitado da Holanda, atrás apenas dos dois grandes museus internacionais – Van Gogh e Rijks.

Os tempos em que a família esteve na casa, até que uma denúncia anônima em agosto de 1944 alertou a Gestapo, foram reproduzidos com riqueza de detalhes pela adolescente Anne em seu diário, o livro holandês mais vendido da história, publicado em 1947. Anne e família estiveram por dois anos no refúgio e a garota judia alemã transformou-se num símbolo de luta contra as mazelas do Holocausto. Um mês depois de denunciada, a família foi deportada para a Alemanha e destinada ao campo de concentração de Auschwitz, onde sua mãe Edith, morreu, após uma longa greve de fome. Anne e sua irmã, Margot, morreram depois de uma epidemia de tifo, pouco depois de terem sido transferidas para o campo de Berger-Belsen, enquanto o pai, Otto, separado da família logo após a chegada a Auschwitz, sobreviveu à guerra e conseguiu recuperar e manter viva a memória da família. Morreu na Suíça, em 1980, aos 91 anos. O livro, 'Diário de Anne Frank' (publicado por Otto na Holanda sob o título 'A Casa de Trás'), mostra uma narrativa dilacerante e repleta de detalhes, ainda que sob uma visão ingênua daquela mórbida realidade, e vendeu mais de 30 milhões de exemplares no mundo inteiro.

Campanha de restauração

Em 1975, foi o próprio Otto Frank que iniciou uma campanha para comprar e restaurar a casa que serviu de refúgio a sua família. O local, desde a publicação do livro no pós-guerra, se transformara num centro informal de peregrinação e culto à pequena judia que se tornou um emblema da tolerância entre os povos. A Fundação Anne Frank, que passou a administrar a casa, promoveu várias adaptações e ajustes no imóvel, em função do constante aumento de visitantes – o que incluiu a compra do imóvel vizinho, de número 265, para expansão dos locais onde são expostos objetos e publicações da época.

O bairro onde fica a Casa de Anne Frank, o Jordaan, é um dos locais mais cultuados de Amsterdam e não só pela importância histórica da trajetória da adolescente judia. Trata-se de um local desenhado no século 17 e que passou por uma profunda restauração a partir da década de 1970, consolidando-se como ponto obrigatório de encontros de jovens e turistas, graças a seus locais de convivência, bares e pontos de conexão de todas as 'tribos'. Chega-se ali facilmente a partir da estação central de Amsterdam, pelo metrô de superfície, e não se pode perder a chance de passear pelos famosos hofjes, pátios cercados de moradias, que circundam a Igreja do Oeste, a Westerkerk, onde, em uma tumba anônima, está enterrado um dos grandes mestres da arte barroca, Rembrandt.

Fotografía/siraanamwong/Depositphotos

El escondite de la familia judía de Anne Frank en los primeros años de la Segunda Guerra se ha transformado en un centro de turismo permanente en Ámsterdam. Anne tenía 13 años cuando empezó a escribir su célebre diario, "La Casa de Atrás", en la Calle Prinsengracht, 267, cerquita del área central de la ciudad. El lugar fue abierto al público en el año 1960 y ha pasado por unas cuantas remodelaciones para recibir un volumen cada vez mayor de visitantes. Cada año, la casa que fue escenario de uno de los libros más importantes de la historia recibe algo como 1,2 millones de turistas.

Fotografía/nigelgynike/Depositphotos

Paraíso dos QUEIJOS

Se existe um ingrediente culinário que tem a marca registrada da Holanda é o queijo. Impossível não reconhecer os produtos mais representativos, como o cremoso Gouda, o forte Limburger, o Maasdam, com leve sabor de nozes, ou ainda o queijo-bola, o Edam, caracterizado pela camada de carmim que o protege. A Holanda produz, anualmente, algo em torno de 700 milhões de quilos de queijo, sendo que cada cidadão do pais consome cerca de 14 quilos por ano das diversas espécies. Quase 80% do total produzido é exportado, principalmente para Europa, Estados Unidos e Austrália. Amsterdam é o principal ponto distribuidor, mas não há como não reconhecer a cidade de Alkmaar, ao norte da Capital, como uma espécie de centro mundial do queijo. No final das contas, tudo fica em casa.

Embora a relação dos holandeses com o queijo venha da época pré-cristã, foi na Idade Média que a elaboração e comercialização do 'ouro lácteo' ganhou importância como fonte de importantes recursos ao pequeno país do Norte, graças também ao desenvolvimento e avanços genéticos de seu gado leiteiro. Os sistemas de produção de queijos curados progrediram de forma impressionante nos últimos dois séculos, fazendo com que o país assumisse um posto de liderança mundial entre os produtos lácteos.

A ligação da sociedade holandesa com o queijo, por essa razão, é visceral, a ponto de os principais tipos do produto terem recebido a marca de suas cidades como denominação de origem. A capital tem o Old Amsterdam, um queijo curado tradicional, de casca escura, surgido no século 19 com produção familiar. A 22 quilômetros está Edam, município fundado no século 11 que se situa entre os pontos mais visitados do país por causa de seu mercado de queijo-bola, saboroso e forte, levemente amargo, comercializado em mercados abertos e inúmeros pontos distribuídos ao longo de seus canais e pontes. Mais ao sul da capital, entre Utrecht e Roterdã, está Gouda, uma preciosa cidade medieval encravada na região que é responsável por 60% da fabricação de queijos no país – e não só o excepcional queijo Gouda. No centro da cidade, o edifício Waag abriga um núcleo de análise de qualidade, pesagem e maturação do produto, além de um concorrido Museu do Queijo.

Aliás, museus do queijo proliferam por todo o país. Amsterdam tem o seu, no Jordaan, na mesma rua da Casa de Anne Frank, a Prinsengracht. É um museu pequeno, não se compara a outros similares espalhados pela terra do queijo, mas cumpre o que promete e tem em suas prateleiras todas as espécies fabricadas no país e mais um pouco. É claro que não chega aos pés do que se vê em Alkmaar, um gigantesco espaço a céu aberto que reproduz a forma de comercialização do queijo, coroado pelo edifício que expõe as máquinas e prensas que construíram a história dos queijos do lugar. No edifício do museu, são encontrados ainda documentos das origens artesanais de fabricação, além de dados da atual produção de lácteos que impulsiona a economia holandesa. Passar algumas horas em Alkmaar é como um mergulho profundo no maravilhoso ambiente dos melhores queijos do mundo.

Não há como negar que o queijo faz parte da alma dos holandeses, o país tem um dos consumos per capta mais altos do mundo, e os primeiros registros da produção de queijos na região datam de pelo menos 3.500 anos atrás. Na Holanda, os queijos são vendidos em mercados a céu aberto, que se assemelham às nossas feiras livres, mas, não se enganem: lá o produto é "controladíssimo" quanto à origem e qualidade e os produtores são todos identificados e tem até equipamento para embalar à vácuo no próprio local.

O Gouda, sem dúvidas, é o queijo holandês mais conhecido no mundo, cerca de dois terços de todo queijo vendido na Holanda é desse tipo, tem originalmente uma forma de roda e uma cor amarelada. Aqui no Brasil também é visto em forma de paralelepípedo, parecido com um queijo prato pequeno, mas seu sabor, na maioria das vezes, se distancia muito do produzido na Holanda. O queijo holandês Gouda também é amarelado, macio e flexível, com um revestimento preto, e tem maturação de mais de 18 meses; geralmente não tem buracos, ou pode ter olhaduras pequenas. Também tem sabor levemente adocicado lembrando frutas e avelãs.

Outro queijo conhecido mundialmente é o Edam, facilmente identificável por ser comercializado na forma de bola e revestido por uma película vermelha; tem uma cor amarelada e é flexível, com sabor suave, um pouco adocicado e lembrando a nozes. O Edam serviu de inspiração para o queijo do reino brasileiro. O queijo do reino tem esse nome porque quando da chegada dos imigrantes holandeses ao Brasil, a corte portuguesa lhes solicitou que fizessem o queijo Edam, mas, como as condições de produção, os animais, o leite e o clima no Brasil eram diferentes, o queijo não saiu exatamente igual, mas, ainda assim, era muito parecido e apreciado pela corte portuguesa. Por isso o queijo do reino também tem a forma de bola e é recoberto por uma película vermelha.

Rafael Capobianco
Formado em Gastronomia
Le Cordon Bleu

- Receitas -

Croquetas de Queijo Edam

Ingredientes:

MASSA:
- *250ml de Leite Integral*
- *50g de Farinha de trigo*
- *½ Cebola branca picada fina*
- *30g de Manteiga*
- *50g de Queijo Edam Ralado*
- *Sal e pimenta*

EMPANAMENTO:
- *1 ovo*
- *Farinha de trigo*
- *Farinha de Rosca ou Panko*

Modo de preparo:

Em uma panela larga derreta a manteiga e adicione a cebola até ficar transparente, adicione a farinha e mexa bem. Em seguida, adicione aos poucos o leite, incorporando bem para evitar a formação de "pelotas". Cozinhe em fogo baixo, mexendo sempre até que a massa fique lisa e uniforme, quando começar a soltar do fundo da panela, retire do fogo e adicione o queijo ralado, sal e pimenta. Espalhe a massa em uma assadeira e coloque na geladeira coberta com um filme plástico por pelo menos duas horas.

Quando a massa estiver fria, faça pequenas bolas (cerca de 20g) e empane na farinha de trigo, no ovo e na farinha de rosca respectivamente, Frite em óleo bem quente e sirva imediatamente.

Macarrão gratinado com Gouda

Ingredientes:

- *200 ml de leite*
- *30g de farinha de trigo*
- *30g de manteiga*
- *1 colher (chá) de noz moscada*
- *1 colher (chá) de tomilho*
- *Sal e pimenta-do-reino a gosto*
- *200g de macarrão*
- *200g de queijo gouda ralado*

Modo de preparo:

Em uma panela no fogo médio, derreta a manteiga, adicione a farinha e misture bem, até começar a dourar.
Adicione o leite aos poucos, misturando sem parar até engrossar. Tempere com noz moscada, tomilho, sal e pimenta-do-reino e reserve.
Cozinhe o macarrão em água salgada e escorra.
Misture a massa com o molho, transfira para uma assadeira e distribua o queijo por cima. Leve ao forno para gratinar e sirva quente.

INVERNO 2018

A estação evoca a sensação de folhas caídas, dias frios e crepúsculos intensos.... a moda pede por tons ousados, complementando a cartela clássica de inverno.

Surgem tons acastanhados, mesclados com azuis , cinzas e para coroar um tom de bordô.

Lembrando sempre que as botas são a grande tendência da estação, seguidas de perto pela maxitendência dos tênis de performance, que agora estão nas mais diversas modelagens, e invadiram as ruas.

E para aqueles que não abrem mão de muito conforto, aposte nos calçados em forro de couro.

E aproveite o inverno para explorar! Have a nice trip!

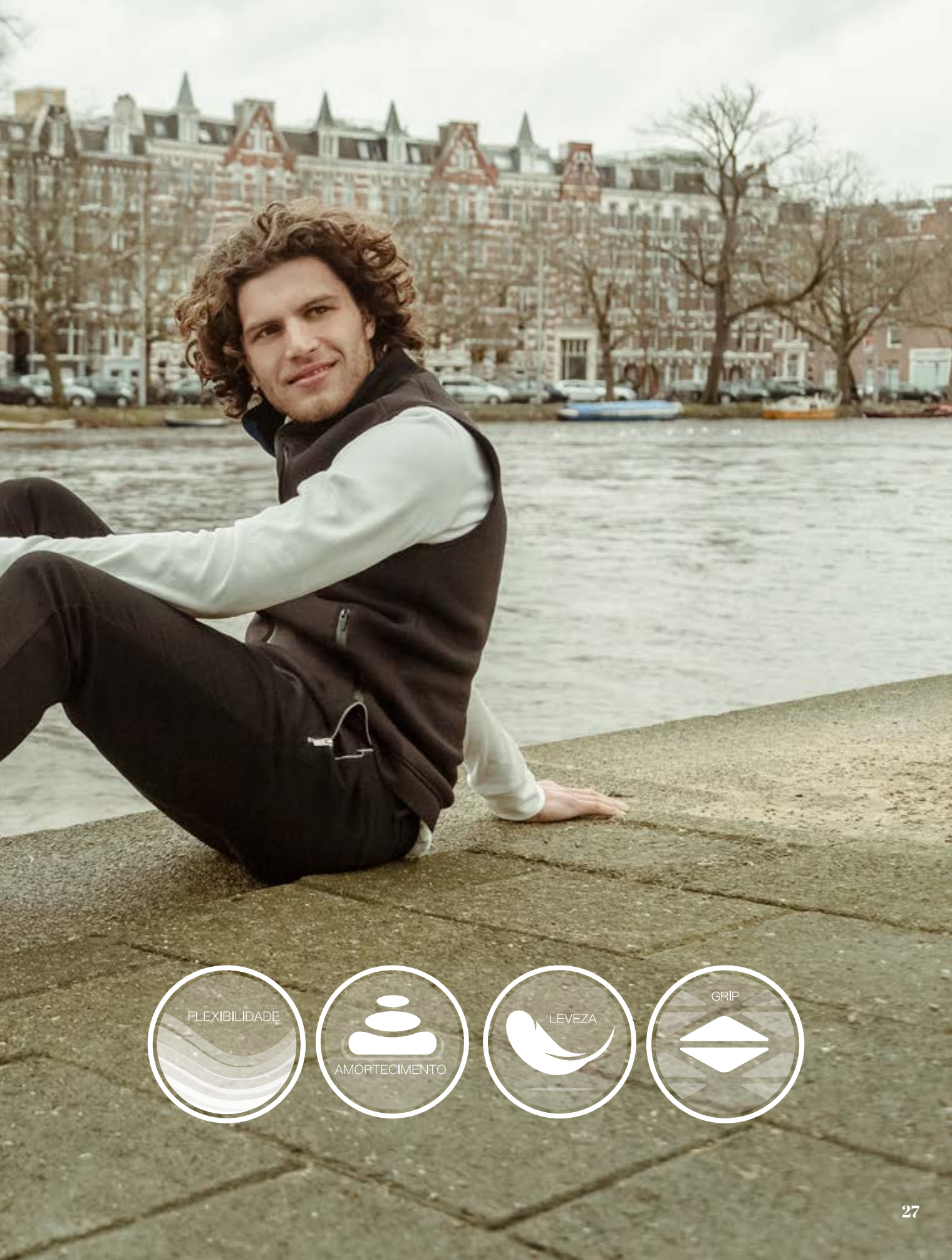
El clima pide una moda con tonos osados, complementando el estilo clásico del invierno. Surgen tonos pardos, mezclados con azules y grises. Recordando siempre que las botas son la gran tendencia de la estación, seguidas de cerca por los tenis de rendimiento. ¡Disfrute del invierno! Have a nice trip!

FREEWAY
easywear
//VERTUZ - 2871

// TRACKER - 2486

//DOMUS - 3124

Go easy
//SHARK - 3721
ultra light


FLEXIBILIDADE
AMORTECIMENTO
LEVEZA
GRIP

STUBBE HARING
CAFE SCHUNICH

//ROADSTER - 1571

//STEVE - 3138

//FENOM - 3294

FREEWAY
easywear

FREEWAY
easywear
- Fotografia -
Felipe Martí
Caue Zanin
Nacho Lopez Ortiz
- Beleza -
Juliana Adell
- Produção de Moda -
Eduardo Jayricovich
- Modelo -
Karel Patrick

SOBRE CONCEPÇÕES

Jânio Machado, diretor-presidente da Freeway, conta como a empresa desenvolveu suas relações econômicas e sociais desde os primeiros tempos

Pensar na Freeway como uma forma inovadora e sustentável de produzir calçados foi para os irmãos Jânio e Wayner Machado, criadores da empresa, uma preocupação que ganhou corpo desde os primeiros passos, ainda que algumas concepções não estivessem plenamente desenhadas logo no início. Era um momento em que todos os fabricantes de Franca faziam basicamente três tipos de calçados: "Ainda não conversávamos muito sobre sustentabilidade, mas inovação foi sempre uma preocupação minha. Diria que, em Franca, na passagem da década de 1980 para 1990, era como uma guerra em torno desses três tipos de produtos e eu tinha muito viva a ideia de inovar para tentar consolidar a empresa", conta Jânio. "Comecei fazendo pesquisas de produtos e tendências para encontrar esses caminhos, o que incluiu uma viagem à Europa já no primeiro ano, com o apoio do Sebrae, para esses estudos. Éramos um grupo com gente de vários estados." Foi um contato externo fundamental para entender mais sobre moda e design no princípio dos anos 1990.

Manter-se atualizado quanto a materiais, formas de produção e estudo de cores tornou-se uma saudável rotina na vida da Freeway: "Naquela época, por exemplo, só se trabalhava com três cores, preto, marrom e whisky. Era tudo muito sem graça e precisamos de novos produtos a partir do couro. Colocar cor, um pouco de alegria, ajudou muito a despertar mais atenção a nossos produtos." Outras atitudes inovadoras, quanto a design e formas de produção, mantiveram ao longo dos primeiros anos a proposta dinâmica da Freeway, mas Jânio destaca um momento especial de evolução de gestão, já em meados da década de 2000: "Foi a valorização da participação dos ateliês de corte e costura no processo de produção. Primeiro eram só os ateliês de costura, porque o couro era cortado dentro da fábrica e enviado para costurar fora em ateliês ou bancas de pesponto."

Jânio Machado está seguro de que essa relação representou um divisor de águas porque estabeleceu um vínculo mais forte da Freeway com a sociedade, graças ao suporte técnico, jurídico e econômico mantido com essas empresas. "Foi um modelo de sucesso, que viabilizou e muito a construção do calçado." Hoje, são 13 ateliês prestando serviços de corte, preparação de calçado e costura manual ou mecânica. Há outros tipos de trabalho de produção de peças por terceirizados, um sistema que traz oportunidade de redução de custo para a empresa e de crescimento para quem presta o serviço. "Esta matemática já é um exemplo de sustentabilidade, porque são unidades menores com uma performance de gestão e produtividade muito boa", ressalta.

A horizontalidade nas relações externas para a transformação do produto convive com a verticalização na fabricação matéria-prima, o que pode parecer um paradoxo, mas, segundo Jânio, permite uma convivência eficaz em padrão de gestão: “A verticalização na produção de matérias-primas, como couro, solado, palmilhas de conforto, ajuda bastante, além da fabricação de ferramentas e equipamentos, que também ocorrem no sistema vertical da Freeway. Hoje temos um centro de usinagem onde se criam peças, o que propicia um atendimento mais rápido e com mais personalidade. Precisamos fazer um produto autoral.” Em outras palavras, a personalidade na criação não existiria sem o sistema verticalizado, sem prejuízo à relação com terceiros.

Nesse processo de verticalização há outros pontos a se destacar além da relação entre matéria-prima e o produto acabado, de acordo com Jânio: “Temos um exemplo de sucesso também em tecnologia da informação. São softwares desenvolvidos inteiramente dentro da empresa, voltados para atender as nossas necessidades. São personalizados e customizados e funcionam como um grande trunfo da empresa. Isso nos permite que, daqui a pouco, coloquemos esses produtos no mercado, por que não?”

Na questão específica da sustentabilidade, Jânio considera que é preciso separar a sustentabilidade econômica do modelo de gestão da sustentabilidade socioambiental ligada aos produtos da empresa. Para cada uma delas há soluções diferentes. “Se falarmos de sustentabilidade ambiental, por exemplo, temos um trabalho de engenharia de processo que permite redução de energia e de custo de materiais. São processos mais simples que propiciam redução de energia, e fala tanto em energia elétrica como energia de esforço. Se o couro estiver duro, o esforço será maior para costurar, colar ou qualquer outra tarefa.”

Há também uma preocupação quanto à quantidade de peças e de rendimento no processo de costura ou colagem. São exemplos de trabalho direto e sustentável. Há também a reutilização de materiais e resíduos, além de uma preocupação firme com a gestão ambiental de embalagens para redução de impactos. “Mas temos consciência de que ainda é preciso e possível fazer muito mais.”

En cuanto a materiales, formas de producción y estudio de colores, mantenerse actualizado se ha convertido en una actividad rutinaria en Freeway: “Antes, por ejemplo, sólo se trabajaba con tres colores, negro, marrón y whisky. Era todo muy simple. Colocar más color, un poco de alegría, ayudó mucho a despertar más atención a nuestros productos.” Otras actitudes innovadoras, en cuanto a diseño y formas de producción, mantuvieron a lo largo de los primeros años la propuesta dinámica de la Freeway, pero Jânio Machado destaca un momento especial de evolución de gestión, a mediados de la década del 2000: “Fue la valorización de la participación de los talleres de corte y costura en el proceso de producción. Primero eran sólo los talleres de costura, porque el cuero era cortado dentro de la fábrica y enviado para coser fuera en talleres o puestos de pespunte.”

Tecnologia

ultra light

Leve, flexível, bonito, performático, o solado ULTRA LIGHT representa uma das maiores novidades entre as matérias-primas oferecidas hoje pela Freeway em seus produtos. Mas foram as dificuldades técnicas de criação do Sistema de Solado ULTRA LIGHT que instigaram ainda mais a empresa a desenvolver tal tecnologia pioneira, de acordo com o diretor-presidente Jânio Machado. “O grau de dificuldade acabou despertando mais o nosso desejo de incluir o produto no quadro de ofertas da empresa.”

O produto estabeleceu um casamento perfeito como o modelo de calçado normalmente desenvolvido na Freeway. “Este tipo de solado tem tudo o que precisamos para que o calçado tenha frescura, conforto, maciez, algo que faça bem para os pés, que ninguém lembre o que está usando. Sapato bom é aquele que você não lembra de estar usando durante o dia”, salienta Jânio, ressaltando o conceito de ‘solado inteligente’.

O que seria um solado inteligente? A tecnologia do solado termoconformado contempla as necessidades para cada parte dos pés, amortecimentos específicos para o calcanhar, para os dedos e assim por diante. “São níveis de amortecimento distintos, construídos em três fases”, explica Jânio. “Há maneiras de descarregar mais peso sobre os pés e as formas de amortecimentos não são iguais. É o que este solado inteligente propõe.”

O ULTRA LIGHT é um solado com metade do peso convencional, mas com a mesma resistência. Fabricá-lo, porém, é um desafio. Todo o processo ativo dura cerca de 26 minutos, isso é pouco mais de 3 vezes o tempo da fabricação de um solado de borracha encontrado nas outras linhas Freeway. Contudo, o tempo não é o único obstáculo, o material em questão é aquecido e expande cerca de 3 vezes o seu tamanho original. Depois disso, é inserido em uma matriz e aquecido por cerca de 8 minutos, em seguida a mesma matriz é transportada para uma segunda estação, onde permanece por mais 8 minutos sob um “banho” de agua gelada. Esse choque térmico é responsável por dar ao solado seu formato final, resultando em um solado termoconformado na medida exata, o que garante a performance e equilíbrio do produto. É o que existe de mais moderno no que diz respeito à conforto e qualidade.

Exclusivo Material de PDV

FREEWAY
easywear
EXPANDE
Até
6X
CONFORMA
÷2
15
MIN.
SHELL
40
+
BORRACHA
=
EVA
COMPACTO
CALOR
+
FRIO

ultra light

PALMILHA
ANATÔMICA
CABEDAL
TPU
+ KNIT
6MM
ultra light
FREEWAY
Go easy

Comfort Leather

100% Couro

Cabedal · Forro · Palmilha

HALF 3124

DOMUS 3152

LEVY 3152

Todo em couro, forro, palmilha e cabedal, o que o torna mais durável e confortável, o ***Comfort Leather*** é totalmente adaptável aos pés. Por suas propriedades naturais, o couro permite uma permanente troca de calor entre o calçado e meio ambiente, sendo um dos melhores produtos quando se aborda conforto térmico.

O projeto do ***Comfort Leather*** é resultado de um desejo antigo na Freeway de se produzir o melhor calçado, sem que o cliente pague mais por isto. Por meio de um investimento grande em estoques e inúmeras negociações, essa relação de custos tornou-se possível.

Trata-se do grande diferencial: agregar valor, qualidade e conforto, sem cobrar mais por isto.

ALVIN - 3215

ALVIN 3270

WAYner

LIÇÃO DE PERSEVERANÇA

A trajetória da família que saiu de Delfinópolis com poucos recursos para construir em Franca a história da Freeway tem desventuras, conflitos, obstáculos e batalhas incansáveis enfrentadas por todos os envolvidos. Muito dessa história tem a ver com o espírito guerreiro de Wayner Machado, sócio da Freeway, diretor do Curtume Tropical e responsável, junto com o irmão Jânio Machado, pela fundação do grupo. Engenheiro e membro da diretoria da Fiesp, é Wayner quem conta, na entrevista a seguir, uma parte dessa trajetória tão difícil quanto empolgante.

Way... ***Como foram os primeiros tempos em seu caminho da escola de engenharia rumo à primeira linha da indústria de calçados?***

Wayner...
Foram bastante complicados. Quando entrei na Faculdade de Engenharia em Ribeirão Preto, não tinha dinheiro para pagar uma pensão na cidade. A primeira solução foi viajar todo dia para Ribeirão e voltar para almoçar em casa. Chegava depois das 3 horas da tarde e só então ia almoçar. Mas eu pegava o ônibus aqui cedo, por volta das 6 horas, e acabava sempre perdendo a primeira aula e uma parte da segunda. Pensei então em tentar ir de carona, para ganhar tempo e para diminuir o custo de transporte. Conseguia também voltar de carona, depois das aulas. Mas tinha outro agravante: precisava de dinheiro para ajudar meu pai a pagar a escola. Comecei, então, a dar aula no Madurezão, um curso supletivo da época, para ganhar algum dinheiro. No segundo semestre, consegui uma bolsa do governo, o que me aliviou bastante, mas no segundo ano tive que me mudar para Ribeirão porque tudo estava muito difícil e fui procurar uma pensão. O problema é que logo percebi que teria dificuldade de pagar a hospedagem e só fiquei por um tempo porque a dona da pensão aceitou um gravador como parte do pagamento e porque um colega de pensão sugeriu que eu ficasse no quarto dele, em um colchão, convencendo a proprietária. Esse colega se transformaria num grande amigo, João Batista de Menezes, hoje médico e professor no Hospital das Clínicas (USP - Ribeirão Preto). Eu tinha então de 19 para 20 anos.

Way... ***Essa solução foi definitiva neste momento de sua experiência na faculdade?***

Wayner...
Era só uma saída temporária e conversava muito sobre isso com o Menezes, que me animou a procurar os padres em algum seminário, porque ele mesmo tinha precisado de ajuda certa vez e tinha sido bem recebido. Encontrei um seminário no Jardim Sumaré e fui pedir ajuda, expondo minha situação, e consegui que o padre que me recebeu, padre Jacó, me hospedasse por mais 15 dias, o que só resolvia meu problema por um tempo, porque também dava um jeito de comer no refeitório. Mas prometi que ia encontrar um emprego para pagar a hospedagem. Consegui um estágio como revisor no Correio da Manhã, mas logo percebi que não me pagariam nada e, por sorte, vi um anúncio de uma empresa de vidros e decoração que procurava estagiário de engenharia. Só sei que meu primeiro salário dei integralmente para o padre, cumprindo minha promessa. Mas era difícil conjugar trabalho e escola e logo voltei a ter dificuldade para pagar a faculdade, uma situação dramática. Acontece que o padre descobriu que eu frequentava a escola e não fazia as provas porque não pagava. Graças ao padre Jacó, que ficou penalizado, pude continuar o curso, porque ele pagou o semestre inteiro da escola para mim. Estava no segundo ano da faculdade e, para completar a situação, minha namorada ficou grávida. Agora, além de tudo, tinha que cuidar da vida de mais duas pessoas. Tinha que encontrar uma solução mais definitiva e consegui, com ajuda da família, comprar um terreno em Ribeirão para construir uma casinha para mim e minha mulher, com os conhecimentos que eu tinha de engenharia e um financiamento. Era muito precário, não tínhamos nem chuveiro.

Way... ***Essa solução foi definitiva neste momento de sua experiência na faculdade?***

Wayner...
Não sabia de onde vinha tanta energia e coragem para enfrentar essas dificuldades, mas sempre tive convicção de que só com a educação conseguiria seguir adiante. Daí a persistência, com tanto esforço diante de tantas complicações, para concluir a faculdade. Na minha vida tinha sido muita coisa – fui engraxate ainda garoto, fui cuidador de porcos, sapateiro, fogueteiro. Nessa história toda, também é bom ressaltar a importância da minha mãe como principal força na estrutura da família. Foi ela que insistiu com o meu pai para vir de Delfinópolis para Franca no fim da década de 1960. Ela queria Franca e ponto final. Antes de vir para Franca meu pai já fazia sapatos e depois, aqui, procurou as fábricas e pessoas que acreditaram nele sem nunca, antes, ter tido nenhum contato com ele.

Way... ***Em que momento o rumo de sua vida começou a mudar?***

Wayner...
Primeiro tive que concluir a faculdade. Vendi aquela casa em construção e fomos morar em uma casa já pronta, já com nossa filha pequena. Nessa época eu pegava com meu pai em Franca alguns pares de calçado e vendia em Ribeirão, na escola, no posto de gasolina, tudo para completar o orçamento. Fiz um pouco de capital de giro e fui para a Galeria Pagé, em São Paulo, comprar mais coisas para vender por aqui. Saía daqui na madrugada do sábado e voltava no fim da tarde com uma sacola cheia de calculadoras, óculos, relógios. Mas continuava vendendo sapatos. Foi o que garantiu o pagamento da faculdade até a formatura. Com o diploma na mão, fui para São Paulo, por uma semana, e fiz várias tentativas de encontrar trabalho, sem conseguir. Estava decidido a voltar, mas fiz uma última tentativa na Cospen, onde fui recebido pelo João Cheade, que me fez algumas perguntas sobre minhas expectativas. Cheguei lá às 10 horas e às 10h30 já estava visitando a empresa e mantendo contato com os colegas. Fui contratado no mesmo dia da entrevista, depois de já ter esgotado todas as minhas possibilidades anteriores. Tenho uma gratidão eterna com o João Cheade.

La trayectoria de la familia que salió de Delfinópolis con pocos recursos para construir en la ciudad de Franca la historia de la Freeway tiene sufrimiento, conflictos, obstáculos y batallas incansables enfrentadas por todos los involucrados. Mucho de esta historia tiene que ver con el espíritu guerrero de Wayner Machado, socio de la Freeway, director del Curtume Tropical y responsable, junto con el hermano Jânio Machado, por la fundación del grupo. Ingeniero y miembro del directorio de Fiesp, es Wayner quien cuenta, en la siguiente entrevista, una parte de esa trayectoria tan difícil como emocionante.

Way... ***Sua carreira como engenheiro serviu, então, como uma espécie de aperfeiçoamento profissional para a entrada definitiva na indústria de calçados?***

Wayner...
Como engenheiro e graças a meus conhecimentos anteriores, comecei a ter contato maior com as fábricas de sapato, fazendo projetos para essas fábricas. A maior parte dos projetos que tinha na empresa era de fábricas de sapatos, reforma, ampliação, adequação dos espaços. Era uma época de expansão da indústria de calçados, com aumento de exportações. Isso era por volta de 1980/1981, porque fiquei dois anos e meio na Cospen. Comecei a perceber, então, que era uma área bem interessante naquele momento. Nesse meio tempo, como vinha muito para Franca, no meu tempo livre comecei a dar aula de técnica de construção de estradas, porque tinha minha formação ainda muito viva na cabeça. Mas não era tão simples largar a engenharia para entrar na indústria, só que todo mundo estava fazendo sapato naquela época em Franca e comecei a buscar alternativas. Contratei um único funcionário e fiz um sapato chamado dockside, um dos sapatos mais simples que vi na minha vida. Montei essa fábrica, continuei trabalhando como engenheiro e no início não tinha nem vendedor. Era uma produção pequena, de 12 pares de sapato por dia. Fui acumulando aquela produção. Eram sapatos de várias cores, com solas brancas e vermelhas, todos de um mesmo modelo. Até que consegui vender o estoque inteiro, o que me animou a incrementar a produção. O nome da primeira fábrica era Couroflex. Fui pondo mais dinheiro da fábrica, que foi crescendo de forma consistente. Quando já fabricava cerca de 200 pares por dia pensei que estava mais do que na hora de melhorar a qualidade do meu sapato. Foi quando fiquei sabendo que tinha uma fábrica em Franca que se chamava Freeway.

Way... ***A aproximação com a Freeway significou uma mudança de parâmetros em sua carreira na indústria?***

Wayner...
A Freeway fabricava o melhor dockside do mercado. Tive uma empatia imediata com esse nome, essa marca, e tive a certeza de que um dia a fábrica seria minha. Procurei a direção da Freeway para oferecer os serviços da minha fábrica e comecei a produzir para eles, que tinham muita demanda, o que em consequência aumentou o volume de nossa fabricação. Mas eles tinham um problema grave de desorganização na administração, de má gestão, e a fábrica quebrou com um prejuízo alto, o que também afetou a nossa participação. E depois teve o incêndio nas instalações, complicando a situação ainda mais, o que fez o produto praticamente desaparecer do mercado. Uns dois anos mais tarde, meu irmão Jânio (Jânio Machado, hoje presidente da Freeway) já tinha vindo para cá, de Pouso Alegre, e tínhamos uma fábrica chamada TWA. Nessa época já fazíamos até mil pares de sapato por dia, porque tínhamos expandido com rapidez. Foi quando o dono da Freeway me procurou para vender a marca. Me pediu na época 150 mil (dólares), mas eu ainda tinha um prejuízo de 120 mil com ele e ofereci 30 mil em troca da marca. Ele aceitou. Deu trabalho recuperar a imagem da marca, o Jânio cuidou disso depois do tempo e experiência que adquiriu na TWA. Foi uma fase também em que a engenharia me deu muito dinheiro, nos vários projetos que peguei aqui em Franca e que permitiram que estivesse em contato permanente com o mercado de construção industrial. Graças a esses contatos, pouco depois comprei o terreno para construir o Curtume Tropical, um sonho antigo em um ramo que dá muito trabalho. Comprei as primeiras máquinas com dificuldade, pagando parcelas a longo prazo com a produção da fábrica.

Way... ***Olhando para trás, em função de tantos obstáculos, quais as principais virtudes que impulsionaram suas realizações?***

Wayner...
Todas as dificuldades que passei no início, e mesmo depois que comecei a fazer os investimentos, me fizeram acreditar que não existe força maior que sua própria determinação. É a vontade de fazer que dá uma força impressionante para transpor tantos obstáculos. Isso leva você a pensar em tudo, menos em desistir. E outra coisa que ajuda muito é a humildade. Muitas vezes eu tive que me conter um pouco, não para recuar, mas para refletir e fazer ajustes. Também preciso destacar a importância do Jânio nisso tudo, e não só no trabalho. Desde a infância, ele aprendia as coisas com facilidade, e sempre teve carisma. Na fábrica, é humanamente impossível você tomar conta de tudo e o Jânio teve participação fundamental desde o início. Até hoje ele trabalha todo o tempo, mesmo nas horas de descanso ele está pensando no que fazer, tomando providências. A Freeway, hoje, não existiria se não tivesse a participação do Jânio, do ponto de vista empresarial, administrativo e familiar. É claro que temos momentos de discordância, o que faz parte até da dinâmica de crescimento da empresa, mas essa relação de confiança dá segurança para o negócio seguir adiante, até mesmo para a resolução de possíveis conflitos internos.

Way... *Hoje você é um empresário de sonhos e profissão realizadas?*

Wayner...
Sonhos, sonhos.... realizados, boa pergunta. Posso afirmar com certeza que são sonhos continuados, emendados, até parece que não têm fim. É como olhar o amanhecer, o pôr-do- sol, todos são lindos e apaixonantes, quanto mais você os observa, mais você gosta. Assim é o trabalho que faço, preciso sempre do dia subsequente para aprimorá-lo. Portanto, quero meus sonhos tais como são: bem vivos. É o que me traz a magia do entusiasmo e são tantos que parece que nunca vão terminar. Não posso dizer que meu trabalho está realizado, porque sei que nunca vou terminá-lo.

Way... *Como investidor e líder no seu segmento (coureiro-calçadista), que exemplo você considera que as novas gerações devem seguir?*

Wayner...
Existem duas palavras mágicas. A primeira traz a segurança e confere poder, que é o CONHECIMENTO. E a segunda é o norte, o rumo, a direção pra chegar ou passar por onde você quer, DETERMINAÇÃO. O resto são acessórios que virão com o tempo.

Way... *E as perspectivas diante das dificuldades dos novos tempos?*

Wayner...
Hoje, do ponto vista empresarial, é difícil prever o futuro, as coisas nesse ambiente mudam constantemente, fatos novos surgem todos os dias. Mas o que pretendemos dentro de nossa estrutura e com o apoio familiar em todas as instâncias da empresa é garantir alguma segurança para as gerações que virão. É o que queremos deixar para nossos filhos, que, mais tarde, vão eles mesmos decidir que rumos tomar, sem a nossa interferência. Muita gente, e não somente familiares, depende dessa nossa estrutura, funcionários que tiveram dentro da empresa um crescimento muito grande. É essa segurança que queremos dar a todos na Freeway. Por isso que, quando olho na minha linha do tempo e vejo tudo por que passei, posso dizer que tenho minha alma pacificada, não me arrependo de nada. O meu trabalho hoje é contribuir para as pessoas que estão vindo por aí, o que me deixa muito feliz.

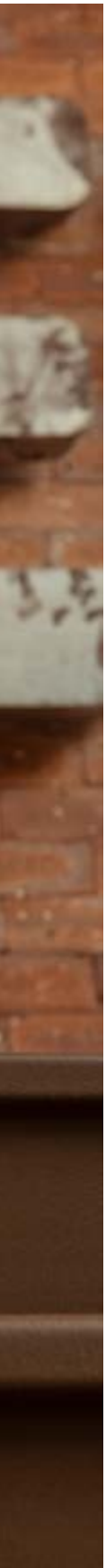
Desde el punto de vista empresarial, es difícil predecir el futuro, las cosas cambian constantemente, nuevos hechos surgen todos los días. Pero lo que pretendemos dentro de nuestra estructura y con el apoyo familiar en todas las instancias de la empresa es garantizar cierta seguridad para las generaciones que vendrán. Es lo que queremos dejar para nuestros hijos, que, más tarde, van ellos mismos a decidir qué caminos tomar, sin nuestra interferencia. Mucha gente, y no sólo familiares, depende de nuestra estructura, funcionarios que tuvieron dentro de la empresa un crecimiento muy grande. Es esa seguridad que queremos dar a todos en la Freeway.

Look
BOOK
FREEWAY
easywear

//TRACKER - 1975

//CHARLIZE - 3138

//STEVE - 2798



//ADELLE - 3151

//JOLIE - 3294

//FENOM - 3294

//STEVE Y - 3722

//ADELLE - 3124

//VERTUZ - 2871

FREEWAY
easywear

//ROVER - 1571

//URANO - A22

//ALVIN - 3215

//CZAR - 3203

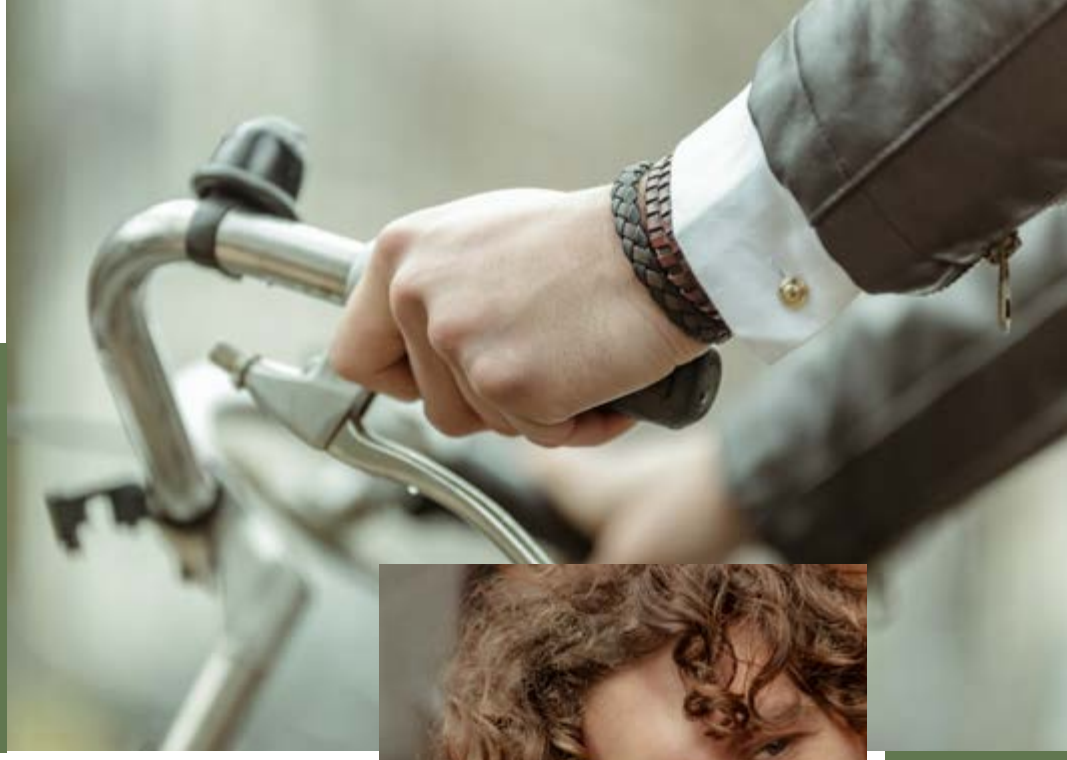
//SHARK - 3724

//SHARK - 3721

Go easy

Hot Hits

acessórios



//CALI

//FREEDOM

//BONNIE

Sisu, você precisa aderir a esta ideia

Conceito finlandês prega resistência e perseverança diante das adversidades, mais uma forma para garantir bem-estar

Entre os 15 lugares do mundo melhores para se viver estão oito países do norte da Europa. Entidades internacionais como Unesco, Banco Mundial e inúmeros conglomerados privados levam em conta para fazer tal julgamento indicadores como Saúde, Educação, Bem-Estar, Segurança.... estes valores com que sonhamos tanto, todos os dias. Mas consideram também as características das sociedades locais, as personalidades, enfim, o perfil do ser humano.

Muito do que os europeus do Norte – incluindo Holanda, Dinamarca, Islândia e, claro, os escandinavos – levam em conta para fazer de suas nações lugares especiais está ligado a um conceito muito em moda por lá: *sisu*, uma palavra finlandesa que não tem uma tradução literal, mas que pode ser definida como 'força (ou energia) para seguir adiante', mesmo diante das adversidades e frustrações que surgem todos os dias. Pode significar também estoicismo, resiliência, perseverança.

Pode parecer complicado, mas não é. Dá trabalho, isto sim, e exige prática e força mental. Em tempos de tecnologia digital, em que queremos acesso imediato a tudo, sem exceções, é complexo falar em perseverança, paciência ou resiliência. Acontece que o mais fanático dos adeptos das respostas instantâneas também sabe que, quando a situação aperta, quando um contratempo grave se interpõe no caminho, é preciso dar espaço à reflexão antes de seguir adiante. Não significa vacilar ou hesitar, mas ir buscar forças onde parece que não existem, encontrar maneiras concretas, e não virtuais, de enfrentar desgostos e frustrações.

O mais importante na questão da reflexão é estar seguro de que refletir também é uma forma de ação. Não é porque o sujeito pede uma pausa para reflexão que está passivo ou hesitante no momento de resolver o conflito. E praticar reflexão de forma perseverante também faz com que tudo ande mais rápido no futuro. Trata-se de uma gestão de stress fundamental para que a tomada de decisões não seja uma tortura. Para os adeptos do *sisu*, tais práticas fazem com que os momentos estressantes sejam enfrentados de forma mais natural, sempre com um mandamento principal: a vida pode ficar bem mais pesada e difícil se você perder a capacidade de aproveitar e desfrutar dos bons momentos. E superar conflitos com mais naturalidade valoriza as horas boas.

Sisu nos ensina a ter coragem nas horas certas, a ser criterioso nas decisões, a ter integridade e honestidade para reconhecer erros e transformar o amargo em bom remédio. Para tempos difíceis, espíritos valentes. E livres. Os nórdicos têm muito o que ensinar e o *sisu* é uma síntese de suas propostas de convivência civilizada, com espaço obrigatório para aproveitar o que existe de bom. Com o *sisu*, passamos a entender melhor que o mito da qualidade de vida não é mito.

Mucho de lo que los europeos del Norte - incluidos Holanda, Dinamarca, Islandia y, por supuesto, los escandinavos - toman en cuenta para hacer de sus naciones lugares especiales está ligado a un concepto muy de moda por allá: sisu, una palabra finlandesa que no tiene una traducción literal, pero que puede ser definida como 'fuerza (o energía) para seguir adelante', incluso ante las adversidades y frustraciones que surgen todos los días. Puede significar también estoicismo, resiliencia, perseverancia.
FREEWAY
easywear

FREEWAY
easywear

freewayshoes.com.br

ultra light

WAY
MAGAZINE

Amsterdam

Inverno 18

FREEWAY
easywear

FREEWAY

easywear

Go easy

freewayshoes.com.br

ultra light